

VALTER DA ROSA BORGES

Os Brinquedos



poesias

RECIFE - 1954

**Capa e ilustração de WILTON ANDRADE DE SOUZA
(DO ATELIER COLETIVO DA SOCIEDADE DE ARTE MODERNA DO RECIFE)**

À memória de meu pai

OLÍMPIO SÁTIRO DA ROSA BORGES

À MINHA MÃE

A MEUS IRMÃOS

AOS QUE PARTICIPAM DA MINHA VIDA

AO GRÊMIO CULTURAL JOAQUIM NABUCO

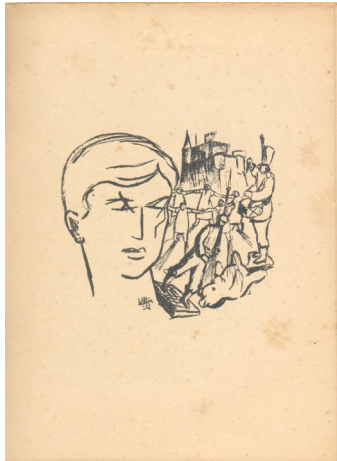
OS BRINQUEDOS

E me fiz fabricante de brinquedos...
Então usei as tintas coloridas
Das emoções talvez desconhecidas,
Dando aparência e cor aos meus segredos.

Depois eu fabriquei bonecos raros,
Vestidos das mais ricas fantasias,
Bordados de ilusões, bonecos caros,
Feitos na fôrma dos felizes dias.

Também fiz uns brinquedos esquisitos,
Outros feios até, sem forma e cor,
Feitos dos meus mais íntimos conflitos

E embebido que fui nestes folguedos,
Convenci-me, por fim, que era inventor
E me fiz fabricante de brinquedos.



O MENINO

Então me procurei pelo Passado
e me encontrei menino com brinquedos,
soldadinhos de chumbo, urso de molas
e um mundo que eu criei dentro da sala.
Castelos de pedrinhas que eu erguia
e quebrava com as mãos sujas de tédio.
E sorri do menino que brincava
com um mundo de mentira e de brinquedos.
E esqueci o menino que ainda sou,
dos múltiplos brinquedos coloridos
com que vivo a brincar a vida toda,
dos castelos de Sonho que edifico
com as pedrinhas de armar do meu Desejo,
e que, como o menino do passado,
destruo-os com as mãos sujas de tédio.
E me esqueci do mundo que formulo
sem salas, sem bonecos, sem brinquedos,
no tema de um olhar mais demorado,
de um sorriso furtivo ou de uma frase,
ou de um gesto, ou de um beijo mais discreto
que são neste meu mundo extraordinário
os brinquedos, enfim, mais preferidos.
E me esqueci que era menino ainda
e que brincava com meus Sonhos tolos
todo sujo de Amor, no chão da Vida.

E' HORA?!

Gostavas de brincar de se esconder.
E quando dizias: - É hora!
Saía eu a procurar-te
pelo quintal a fora.

E assim, naquela tolice,
brincamos na meninice.

Mas passou-se o tempo e um dia,
quando te amava deveras
(qual o motivo não sei)
tu te escondeste de mim,
busquei-te em vão, tudo inútil,
pois nunca mais te encontrei.

TÁ QUENTE OU FRIO ?

- Tá quente ou frio?

E Maria

respondia:

«Tá quente!»

E eu achava o que ela escondia
de repente.

Era boa a brincadeira

do meu tempo de menino.

Mas o Destino

quis brincar de outra maneira.

E escondeu a felicidade,

bem escondida,

num lugar ignorado

da minha vida.

- Tá quente ou frio?

no entanto,

por mais que assim a procure

por tantos anos a fio,

escuto sempre o Destino

a responder-me, implacável:

- Tá frio!



A DANÇA DA CARRANQUINHA

«A dança da Carranquinha
é uma dança deliciosa
que pondo o joelho em terra
a moça fica formosa.»

Ah! como Antônia gostava
da dança da Carranquinha
que brincava com as amigas
dês de manhã à tardinha !
«A dança da Carranquinha»...
E lá se ia a pobre Antônia,
cantando o doce refrão
para ficar bonitinha.
Mas triste dela, coitada!
nem os anos, nem o encanto
«da dança deliciosa»
deixaram que a pobre Antônia
pudesse ficar formosa.

MENINO POBRE

Tu és um sonho de menino pobre
Na vitrine do Mundo; este brinquedo
Que a minha vista de volúpia cobre,
Sem que o possa alcançar do meu degredo

O vidro deste mundo nos separa
E eu te contemplo no infantil receio.
E tu não vês, bem sei, és coisa cara,
O rosto triste do menino feio.

Não ter o teu amor não me doe tanto,
Pois ver-te, não há nada mais divino
Ao meu olhar escravo ao teu encanto.

Mas o que doe é conhecer que um dia
Alguém te levará do meu Destino
E esta Vitrine ficará vazia.

PAPAGAIO DE PAPEL

Fiquei solto no Tempo
como um papagaio de papel que fugiu da linha
Depois. . . fui voando,
voando,
colorido e brilhante pelo espaço vazio,
indiferente à Molecada que corria lá embaixo.
- O papagaio! Pega o papagaio!
Senti-me livre das mãos imundas
dos Moleques do Mangue.
Fugia dos homens,
do mundo.
Senti-me longe,
tão longe,
que me julguei ausente da matéria. .
E fui voando,
voando,
sendo matéria e longe do mundo,
até que caí bem distante,
num lugar que eu mesmo não sei,
mas longe,
bem longe,
do terrível Moleque de mãos sujas.

POEMA TRISTE

A tragédia anônima das folhas
amarelas e secas na calçada...
Lágrimas velhas
desta árvore velha. . . '

E o meu olhar está verde,
carregado de lágrimas verdes,
até que o sol as queime,
até que o vento as carregue.

Enfim...
Só restarão depois somente folhas,
folhas somente secas e amarelas
no calçamento do meu rosto triste.

FELICIDADE

Eu vi a Felicidade
dar-me adeus e ir embora,
vestida de azul-marinho.
Só porque a Felicidade
é o corpo da minha amada.
Porque ele está cheio de promessas
e a sua carne semeada de desejos.
Porque seus gestos prometem noites
consteladas de amor e de carícias.
Porque seus dedos são violinos
interpretando acordes de Pecado.
Porque seus lábios são maduros,
carregados de frases e de beijos.
Por isto eu amo a Felicidade.
Por isto eu pego na Felicidade.
Dou muitos beijos na Felicidade,
até que ela parte,
graciosa e gentil,
prometendo-me uma outra noite
bem igualzinha a esta.
E é por isto que eu fico triste,
quando você,
Felicidade,
vai embora.

A BILAC

Bilac amigo, só agora entendo
O que as estrelas dizem lá no espaço.
E muitas vezes, diminuindo o passo,
Fico a escutar o que estarão dizendo.

Falam de amor. E se o olhar volvendo,
Contemplo-as todas lá no azul regaço,
Vejo-as sorrirem no seu brilho, vendo
A minha inquietação, meu embaraço.

Pois certa noite, do meu quarto, atento,
Escutei vozes vindas da amplidão,
Qual se trazidas fossem pelo vento.

Maravilhado, corro e abro a janela.
E a noite toda ouvi a multidão
De estrelas a dizer o nome dela.

A MANGUEIRA

Não me pergunte, mas indague àquela
Velha mangueira que nos viu, outrora,
Ambos juntinhos, pela rua em fora
Ou sob a sombra centenária dela,

Que sentimento oculto ela revela
Daquele tempo que se foi embora,
Quando uma vez a mais a noite estrela
E o orvalho frio de seus ramos chora.

Indague se ela sente como nós
A saudade das noites que passamos
(A mangueira, também, tem sua voz!)

E escutarás, por certo, compassadas,
Palavras de saudade pelos ramos,
Num soluço de folhas agitadas.

SONETO EM S

Se se pudesse a mim que sou mortal
Ser conferida a graça da Poesia
Somente um só instante, eu te faria
Sublime num só verso magistral.

Se se pudesse a mim que sou mortal
Ser conferida a graça da Poesia,
Saquearia os templos da Harmonia,
Seria um vil larápio musical.

Se se pudesse a mim que sou mortal,
Sacudiria os céus num empurrão
Só para dar-te os astros da amplidão.

Sucumbisse depois de esforço tal,
Sorriria na glória da Ilusão,
Se se pudesse a mim que sou mortal.

ELA E A CANÇÃO

Teu corpo se entranhou na melodia
E te fizeste em música de ausência.
Teu gesto então ficou na inconsistência
Da Canção foliã que outrora ouvia.

E se te quero ver, basta um arpejo,
Uma nota sequer e, então, maviosa,
Vejo-te surgir em sons na milagrosa
Orquestração sonora de um desejo.

Ficaste na Canção e eu te adivinho
Maravilhosamente musicada
Em acordes de amor e de carinho.

E se firo uma nota, uma sequer,
Vens de saudade toda fantasiada,
Num misto de Canção e de Mulher.

SONETO DAS MÃOS AUSENTES

Ausência de tuas mãos nos meus sentidos
Presença de outras horas já passadas,
Onde estas mãos plasmaram madrugada,
Constelando-as de sonhos esquecidos.

Presença dos momentos mais queridos
Na ausência destas mãos, refugiadas
No silêncio das horas lembradas
E nos beijos de amor acontecidos.

Ausência de tuas mãos em meus momentos.
Agitação de mãos pelos espaços,
Como invisíveis sinos sonolentos.

Presença destas mãos no instante exato
Em que meu ser te acorda os leves traços,
Nos sonhos de carícias do meu tato.

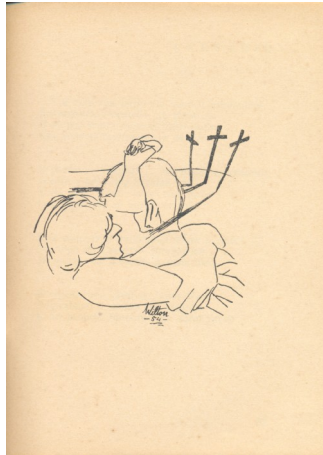
AUSÊNCIA

Assentai-vos, Maestro, eis o teclado
Deste meu piano estranho e diferente,
Cheio de inúteis sons que, no passado,
Viveu fechado permanentemente.

Tocai! Tocai! Encontrareis, por certo,
Umás notas, talvez, jamais ouvidas,
Uns acordes febris, num tom incerto,
Das emoções de amor de duas vidas.

Vamos, tocai! Todo o teclado anseia.
A sensação das notas que eu encubro
Quer vos contar o Amor que me incendeia.

Dedos, meu coração pede um arpejo!
Tocai! Tocai neste teclado rubro
A ausência musical de alguém que almejo.



CALVÁRIO

... E com um beijo ela vendeu minh'alma,
Entregando-a sem dó, ao Desatino.
E só por trinta moedas meu destino
Ela vendeu indiferente e calma.

E partiu. . . e se foi. . . nas mãos, no entanto,
Sentiu o peso das moedas vis
E ela quis voltar, lavar com pranto
O assassinato de um viver feliz.

Mas encontrou minh'alma sobre a cruz.
No topo do Calvário, prisioneira,
Já morta, da tardinha à meia luz,

E exasperada, qual se Judas fosse,
Reproduziu o drama da figueira
E no próprio Remorso ela enforcou-se.

ALELUIA

Mas na Aleluia, enfim, dos sonhos mortos
A minh'alma se ergueu da tumba fria.
E com olhares meigos e absortos
De novo contemplou a luz do dia.

E a Saudade rasgou seu roxo manto.
E o templo do Amor tirou seu luto.
Um sorriso feliz matou o pranto
E a tristeza morreu num só minuto.

Aleluia! Aleluia! Ao longe vinha
A mensagem de fé de uma esperança,
Pois que minh'alma ressurgido tinha.

E do Judas traidor resta a memória
Do crime hediondo que minh'alma lança
Do Calvário da Dor ao Céu da Glória.

SOMBRA NO RIO

Não sei por que,
mas tenho a impressão
de que ficarás na minha vida
como uma sombra
à tona de um rio
cujas águas,
no seu passar contínuo,
jamais arrastam.

SONETO DA TARDE

A tarde era um desejo cor de rosa
E as horas transcorriam nos teus braços.
Tinhas no corpo os indecisos traços
Da tarde que murchava langorosa.

Vinhas, por certo, errante, dos espaços,
Sem presença na tarde luminosa,
Somente luz de ocaso, vaporosa,
Sem o calor de febre dos mormaços.

Vazia estava a sala e então teus dedos
Tocaram no piano uma saudade,
A mais doce canção dos teus segredos.

Foi quando te entendi. A noite vinha.
Tu ficaste nas luzes da cidade,
Já que morreste em sombras na tardinha.

ALELUIA À CARNE

Que importa o Vento que me corta o rosto
e enregela o coração?!

Este Inverno frio,
esta Noite pejada de chuva e de horrores,
se estais em meus braços?!

Se eu tenho junto ao meu
o teu seio palpitante?!

Se me aqueces com o teu amor,
se me confortas com tua carne?!

Nada mais quero.
Além de ti, o mundo nada mais vale.
És a própria Vida!

Primaveras de Mocidade
vagam pelos montes de teus seios,
pelo vale de teu regaço.
Aquece teu corpo
este sol de Desejos,
que provoca,
que insinua,
que convida.

Deixa que a Vida passe,
que o tempo passe,
que tudo passe.

Quero-te apenas junto a mim,
sentindo o teu corpo,
gozando o nosso amor,
unindo nossas vidas.

Ainda chove!
Não receies,
se o Mundo não entende o nosso amor.
Se ele é profano,
se é devasso,
que importa?!

É o nosso amor!
Assim nos fez a Vida!
Vamos! Abracemo-nos mais.
Por que temer?
Amanhã um novo Dia surgirá.
A aurora virá, cantando,
iluminar os campos escurecidos da madrugada.
As névoas fugirão.
Ao calor de um novo Sol
o Inverno se irá.
É a primavera que volta. .
E a Vida recomeçará para nós,

bela,
sempre bela,
esplendidamente bela.
Então seremos esquecidos.
O Mundo se esquecerá de nós.
E poderemos gozar, sem temor algum,
este amor ardente que nos querem privar.
Ouves?!
Já os galos se amiúdam nos terreiros umedecidos.
É o Dia que nasce.
Abraçemo-nos de novo.
Quero que a alvorada nos encontre juntinhos,
como duas conchas no fundo do oceano.

POEMA ORIENTAL

Vem, mulher, e deixa-me deitar
minha cabeça sobre o teu regaço
exaurindo o perfume provocante
que habita o teu corpo.

Vem...

e deixa-me sonhar
um sonho diferente e oriental,
feito de huris
e de perfumes caros,
de manjares deliciosos
e bebidas excitantes.

Vem!

Deixa que o luar penetre
pela janela
e invada o aposento.

Este luar bagdático e romântico,
presente nestas horas de carícias.

Vem!

Sobre as almofadas
e os tapetes persas
deixa rolar a taça em que juntos bebemos
o mesmo vinho.

Deixa-me sonhar, assim, de manso,
na fantasia quente do teu corpo
um sonho de califa enamorado.

Deixa-me sentir o sabor do teu beijo,
de tua carícia simplesmente oriental.

O aposento está deserto!

Somente o luar namora os góticos das janelas.

Fala-me de amor;

deixa que as tuas mãos contem aos meus cabelos
uma história gostosa de carícias.

Estamos sós...

Bagdalicamente apaixonado

deixa-me sonhar,

assim,

a cabeça pousada em teu regaço,
um sonho diferente e oriental.

VAMPIRO

Notivagando pela vida inteira
Tentas fugir da luz como o vampiro,
Buscando a negra noite em teu retiro,
Na mais completa e lúgubre cegueira.

Buscas achar no teu noturno giro
Restos de amor no corpo da rameira,
Tentando dar ao teu triste suspiro
Toda a expressão de uma ânsia verdadeira

E nestas rondas, pelas horas mortas,
Vives da Noite, pelas negras portas,
Na tua vida tão vazia e triste.

Inútil vagarás triste e sozinho
E morrerás, um dia, no caminho,
Sem contemplar a luz que nunca viste.

PREDESTINAÇÃO

Ao poeta Augusto dos Anjos

A noite é gelo. E o silêncio é pedra.
Minha cabeça com vigor trabalha.
Ouço indistintos ruídos de metralha
Sobre a inquietude que minh'alma medra.

Por que será que a noite não termina?!
Sinto da vida o cavalgar fremente
Dentro em meu sangue, latejante e quente,
Como o passar de uma hoste beduína.

Algo me diz que a Noite não tem termo,
Que tudo é treva e funda escuridão,
Que o Dia apenas é tênue ilusão,
Frágil miragem na amplidão de um ermo.

Que a Luz é Sonho e o que é Real é Treva,
Que o homem busca em sua Noite enorme
Ver através do Negro desconforme
A eterna Luz que a mente humana eleva.

Por isto a Noite não findou, nem finda.
O Dia - o sonho visual - de leve,
Vai-se formando, aos poucos, cor de neve,
Por sobre a Noite que não foi-se ainda.

O dia nasce. Que contraste enorme!
Dia lá fora; escuridão cá dentro.
E quanto mais meu cérebro concentro
Mais sinto a escuridão negra, disforme.

Só vejo guerras, traições, miséria.
E a viuvez, esta mendiga errante,
Batendo em cada porta, soluçante,
Deixando em cada leito a luz funérea.

Visão terrível por meus olhos passa,
Um pesadelo horrível me consome,
Ouço na treva o soluçar de um nome,
Entre o estertor do fogo e da fumaça.

Tinir de balas, repicar de sinos,
Em convulsões finais de Apocalipse.

Há sobre a terra um demorado eclipse,
Escurecendo a rota dos Destinos.

E toda a terra em convulsões se agita,
Há cataclismos no Universo inteiro.
O Tempo escuta em seu passar ligeiro
Um grito enorme: a Humanidade grita.

O fim do Mundo. . . o fim de tudo. . . a Luz...
Desfez-se a Noite, enfim, a noite humana.
O Dia nasce. Em tudo a Luz se irmana
E sobre a paz do Mundo se ergue a Cruz.

A CAÇADA

A trompa da Saudade, bem distante,
Ecoou na floresta da Memória.
Era um gemido triste de vitória,
Num grito de derrota, delirante.

A Caçada, afinal! Naquele instante
Havia no ar uma visão de glória.
A Caçada, afinal! Louca e vibrante
Ao Tempo que fugiu da minha História. ..

Tropel dos Dias. . . galopar dos Anos. . .
Sonhos. . . Tristezas. . . frágeis Alegrias,
Juntos no pó dos mesmos Desenganos.

E ao longe... ao longe... num gemer plangente,
A soluçar por entre as ramarias,
A trompa da Saudade eternamente.

SONETO DO SONHO

I

Fecha as portas dos olhos para o mundo
E transpõe o palácio das Quimeras.
Aqui reside o Sonho; o que antes eras
Esquecerás de tudo num segundo.

Aqui não rugem traiçoeiras feras,
Aqui não mora o vício, o charco imundo
Não pestila o seu hálito iracundo,
Nem polui o frescor das primaveras.

Cerra bem forte o trinco das pestanas
Para que as hordas das paixões humanas
Que gritam lá de fora, exasperadas,

Não penetrem jamais em seus salões
Para que assim as tuas Ilusões
Não sejam brutalmente assassinadas.

SONETO DO SONO

II

E quando o olhar se fecha, surdamente,
Reboa em festa o gongo da pupila.
E a sala da Ilusão, antes tranqüila,
Se agita num rumor. E lentamente

Da sala de Retina vai chegando
A corte dos Desejos, convidados
Para a festa dos sonhos malogrados
Que vivem nos olhares se ocultando.

E no esplendor fantástico da orgia
Uma onda de prazer o olhar invade,
Enquanto dura o Sono e em vindo o dia,

Ante o clarão das pálpebras abertas,
Os Sonhos fogem pela claridade
E as salas, sem rumor, ficam desertas.

SONETO DO SONO

III - Última festa

E pela última vez fechou-se a porta.
E a morte - este porteiro - erguendo a chave,
Jogou-a para longe, austera e grave,
E cerrou para sempre o olhar da morta.

Não mais o sol da Vida penetrando
Pelas portas das pálpebras fechadas,
O delírio dos Sonhos terminando
Ante o esplendor das salas aclaradas.

Não mais... não mais... a morta eternamente
Ficará na Retina, enclausurada,
Sem retornar ao mundo, novamente.

E nela ficará prisioneira
Da traição do Sono, deslumbrada,
A sonhar; mesmo morta, a vida inteira.

BALADA DO HOMEM TRISTE

Havia sangue na voz do homem triste
que morava nas horas do Dia,
numa ponte,
numa escada,
ou nos degraus de uma igreja,
com as mãos cheias de fome
abertas à chuva parca do dinheiro.

Do homem que morava principalmente
nas horas do Dia
e dormia incertamente
nalgum lugar da Noite.

Havia sangue na voz do homem triste
do homem que breve morrerá
sem se saber de que.

Do seu viver, talvez, nem reste o nome,
pois nem nome talvez tenha este homem
que só sabe que vive porque sofre,
pois que a dor é sua única identidade.

FILHO DA RUA

Gosto de você, filho da rua,
que passa a vida na rua,
porque trabalha na rua,
porque a rua é sua casa,
porque a rua é seu mundo,
porque a rua é a mulher
que anoitece mais depressa
para o amor somente matéria
Você que engraxa sapatos,
você que vende sorvetes,
você que vende verdura,
você que vende modinhas
nas festas de algum lugar,
você que toca instrumentos,
você que engana o povinho
com remédios milagrosos
que fazem até pedra falar,
você que também pede esmolas
por não poder trabalhar.
Gosto de você, filho da rua,
que passa a vida na rua,
porque a rua é o seu lar.
Você que fala uma língua
bem gostosa e brasileira,
sem as tolas exigências
da sintaxe portuguesa.
Gosto de você, filho da rua,
que mora dentro da rua,
que vive dentro da rua,
que morre dentro da rua,
porque nasceu (não sabe o dia)
nalguma parte da rua.
Você que vive vestido
com a poeira das calçadas.
Gosto de você, filho da rua,
porque você, sem saber,
é o sangue que circula
nas artérias da cidade.

PERPETUAÇÃO

O nosso amor, enfim, é milenar,
Pois te conheço há muito e esta afeição
Tem o sabor de uma ressurreição,
Antiga como o céu e como o mar.

Conheço o teu carinho remoçado,
Pintura antiga com retoques novos,
E embora traços herdes de outros povos
Conservas todo o ser unificado.

Das formas que tomamos noutras eras
Não consegues lembrar-te e nem consigo
Destas reencarnações noutras esferas.

Sei que mudei. Mudaste. Todavia,
Existe em nós aquele amor antigo
Que noutros tempos entre nós havia.

ANTECIPAÇÃO

Morreste amanhã
e eu não pude te chorar
porque hoje inda não soube.
Somente ontem ficarás comigo,
porque hoje de mim estais ausente
e amanhã não posso te salvar.

POEMA QUASE PATÉTICO

Ficaste tão presente em mim
que me perdi.

Já não sei se o que penso
é o que você pensa,
já não sei se o que digo
é o que você diz.

Ficaste tão presente em mim
que me perdi
e não posso encontrar-me comigo mesmo,
porque nem sei ao menos onde estou.
Meus gestos,
minhas maneiras,
já não sei se são meus
ou se os plagio de você.
Apenas sei que me tornei um espelho
onde você se reflete.

Olha, amor,
ouve um instante:
- Onde é que você me escondeu?

A METAMORFOSE

Os lábios virgens se fizeram rosas
e abriram numa tarde de verão
a procura dos beijos transviados
pelo instante jamais acontecido.

E o mistério da noite sucedeu...
Ò, rosas, que eram lábios e eram virgens!
Tinham o frescor das coisas desvendadas,
tinham beijos de orvalho nas corolas...

OBSESSÃO

É um disco a rodar
na eletrola do cérebro.

A voz dela,
as palavras dela,
as mentiras dela.

Esta agulha não se gasta?!

É uma saudade de cristal.

E a mesma voz.

E a mesma voz.

E a mesma voz.

E a mesma voz.

Por que não mudam este disco?!?

Minha discoteca é tão grande!

Onde estão os outros discos?!?

E a voz dela:

- Meu amor!

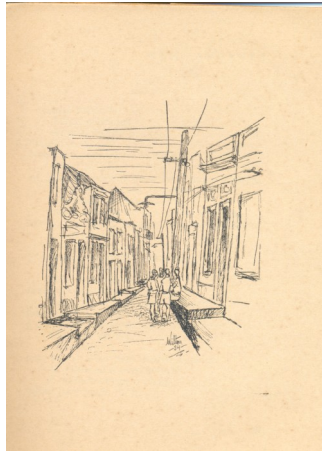
me falando,

me mentindo,

como um disco,

como um disco

a rodar dentro de mim.



RUA AUGUSTA

Rua Augusta,
velhos sobrados
do meu Recife menino,
batidinha de sol
como uma velhinha a cochilar!
Como eu gosto de ti! .
Aí, passei a melhor parte da minha infância,
correndo por tuas calçadas,
brincando no meio da rua,
quase coberta de um capim verdinho
que a Prefeitura sempre mandava arrancar.
Como eu gosto de ti!
Rua Augusta,
pedaço da minha infância,
onde eu brincava,
onde eu sonhava
meus doces sonhos de criança!
Cadê teu menino, Rua Augusta,
que brincava dentro de ti
e que te amava tanto como eu te amo?!
Ele fugiu de nós,
do tempo,
e se foi esconder bem dentro de mim.
Às vezes eu o ouço soluçar...
É quando chega o Natal;
talvez lembrando de ti. . .
Ah! naqueles tempos,
saudosos tempos,
quando eu cria ainda em Papai Noel!...
Era ali,

juntinho daquele poste,
que conversávamos,
eu e meus amigos,
dos presentes da noite.
Ah! minha boa amiga!
como eram belos aqueles tempos!
Hás de bem recordar.
Eu, por mim, nunca os esquecerei.
Hei de sempre ver,
ao passar por ti,
a figura daquele garoto traquina e arrogante
brincando de artista,
correndo por tuas calçadas,
este garoto que um dia
se escondeu dentro de mim.

POEMA DAS IGREJAS

Eu gosto destas igrejas,
velhas,
solenes,
pintadas de Eternidade,
impregnadas de Tempo,
cheirando a Passado,
estas igrejas antigas
do meu Recife menino.
Eu gosto destas igrejas,
São Francisco,
Espírito Santo
que sabem contar histórias
dos tempos dos holandeses,
estas igrejas que os homens
têm medo de demolir.
Eu gosto destas igrejas,
velhinhas,
encolhidinhas,
no seu xale de pedra,
com medo dos edificios,
dos edificios modernos,
que vivem o tempo todo
brincando de pegar o céu.
Eu gosto destas igrejas
humildes no seu aspecto,
mas grandes no coração.
Igrejas que ainda guardam
nas suas velhas paredes,
o meu Recife menino
dos tempos da escravidão.

POEMA AO RECIFE MODERNO

As ruas comeram progresso
e engordaram.
A cidade, então,
produziu uma geração
de gigantes arranha-céus.
Não mais as ruas raquíticas
e estreitas,
os prédios pessimistas e entediados,
barbados de musgo. ..
A claridade míope dos lampiões...
O ar dorminhoco de colônia...
As ruas, antes pacatas, ficaram faladeiras.
E as artérias se enriqueceram de inúmeros glóbulos
movidos à gasolina.
E o Recife engordou.

MANHÃ COLONIAL

Manhã colonial. Eu vou seguindo
De fraque e de cartola, transformado
Num cidadão egresso do Passado
Ao Presente no qual vivo existindo.

Um trecho de passado nesta rua...
Nos velhos sobradões já carcomidos
A lembrança dos anos consumidos,
Que estas sujas paredes insinua.

Vozes de longe. Gastas ressonâncias
Dos passos que viveram nas calçadas.
A sensação de coisas desgastadas,
Impregnando os gestos das distâncias.

Manhã colonial. Vejo ao postigo
Do velho casarão o vulto antigo
De um ancião, sereno, debruçado,
Como se fosse a imagem do passado,

Um simbolismo humano da cidade
Dos velhos tempos coloniais de outrora.
E é nesta rua cheia de saudade
Que o meu Recife do passado mora.

.....

Manhã colonial. Eu vou seguindo
De fraque e de cartola, transformado
Num cidadão egresso do passado
Ao presente no qual vivo existindo.

A DERRUBADA

Na invasão triunfal dos edifícios,
senti o grito secular das ruas,
dos velhos casarões e das esquinas.

A gula do urbanismo devorando
a tristeza das ruas obscuras,
o romantismo arcaico das janelas
dos velhos sobradões coloniais,
e a revolta calada das igrejas
ante a grandeza dos arranha-céus.

Senti o crime do progresso abrindo
a virgindade histórica das ruas
e o seu machado inútil abatendo
os carvalhos senis da tradição.

E, antes de tudo pressenti a angústia
das lembranças que habitam nestas ruas
ante a invasão dos bárbaros de concreto,
e uma impressão de tudo diferente:
de viver entre estranhos noutra pátria,
de viver num presente sem passado.

ÍNDICE

Os Brinquedos
O Menino
E' hora?!
Tá quente ou frio
A dança da carranquinha
Menino pobre
Papagaio de papel
Poema triste
Felicidade
A Bilac
A Mangueira
Soneto em S
Ela e a Canção
Soneto das mãos ausentes
Ausência
Calvário
Aleluia
Sombra no rio
Soneto da tarde
Aleluia à carne
Poema Oriental
Vampiro
Predestinação
A Caçada
Soneto do Sono - I
Soneto do Sono - II
Soneto do Sono - III
Balada do homem triste
Filho da rua
Perpetuação
Antecipação
Poema quase patético
Poema da metamorfose
Obsessão
Rua Augusta
Poema das igrejas
Poema ao Recife moderno
Manhã colonial
A derrubada